



UMA PRINCESA DE MENTIRA E UM MUNDO DE VERDADE: IDENTIDADE, COMPORTAMENTO E ARTIFICIALIDADE EM UM CONTO DE FADAS DE AUTORIA FEMININA DO SÉCULO XIX

FERREIRA, Pedro Augusto Carneiro¹
CAMPOS, Valéria Hernandorena Monteagudo de²

1 Graduando no Curso de Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação, pedro.ferreira72@faculdadesesi.edu.br

2 Professora no Curso de Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação, valeria.campos@sesisp.org.br

RESUMO

O presente trabalho se dispõe a analisar o conto “Uma Princesa de Brinquedo” (1877), de Mary De Morgan, de acordo com sua posição no campo da literatura insólita de autoria feminina e em diálogo com práticas pedagógicas contemporâneas. Mais de meio século antes da publicação de Admirável Mundo Novo (Huxley, 1932), a narrativa se adianta em conceber e problematizar uma sociedade em que a expressão de sentimentos é interdita, e em que um simulacro de princesa, podendo ser entendida hoje como um robô, artificial e obediente, substitui a figura humana dotada de emoções, interesses e insubordinação. Em uma conjuntura marcada pelo avanço cada vez mais exponencial das inteligências artificiais, a obra se mostra relevante tanto por incorporar uma perspectiva irredimível à submissão feminina, quanto por antecipar questões relacionadas à substituição do humano pela máquina. A pesquisa parte da perspectiva dos multiletramentos, explorando a potencialidade didática do conto no sentido de problematizar a padronização estética e comportamental, favorecendo a construção de leituras críticas que aproximem o universo literário das experiências culturais dos estudantes. O método recepcional (Aguiar; Bordini, 1993) constitui o eixo metodológico da proposição pedagógica voltada ao conto e direcionada ao sexto ano do ensino fundamental, conforme parâmetros alinhados à BNCC (Brasil, 2018). Pretende-se, a partir dessa elaboração, preconizar práticas que se voltem à confrontação do horizonte de expectativas dos alunos com a mobilização de debates sobre identidade, gênero, sociedade e o papel exercido pelo artificial no mundo contemporâneo (Haraway, 2003; Baudrillard, 1991; Hall, 2006), fortalecendo abordagens que aproximem a literatura da realidade e do pensamento crítico.

Palavras-chave: Conto de fadas; Literatura feminina; Identidade; Multiletramentos.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “Uma Princesa de Brinquedo” (1877), de Mary De Morgan, a partir de sua relevância no campo da literatura de autoria feminina e de sua potencialidade pedagógica na formação docente. A obra, publicada na Inglaterra vitoriana, insere-se no contexto da literatura insólita e fantástica, ao narrar a história de um reino em que a expressão de sentimentos é considerada inadequada e uma princesa artificial, obediente e polida, substitui a verdadeira.

A justificativa para a realização deste estudo repousa sobre dois eixos principais: o primeiro, de caráter literário e histórico, diz respeito à necessidade de visibilizar produções de autoria feminina que, ao longo dos séculos XIX e XX, foram marginalizadas pela crítica e pela tradição canônica; o segundo, de ordem pedagógica, refere-se à importância de incorporar ao ensino práticas de leitura literária que estimulem o pensamento crítico e promovam a reflexão sobre identidade, gênero e tecnologia.

O objetivo geral é investigar como o conto de De Morgan antecipa debates contemporâneos sobre a artificialidade e a padronização das identidades, estabelecendo pontes entre o universo ficcional e os dilemas do presente. Entre os objetivos específicos, propõe-se: (a) discutir as representações de identidade e comportamento feminino no conto; (b) analisar o diálogo entre o texto e conceitos como simulacro, ciborgue e crise identitária; e (c) apresentar uma proposta didática, fundamentada no método recepcional.

A estrutura do artigo contempla, além desta introdução, um referencial teórico-metodológico centrado nas contribuições de Baudrillard, Haraway, Hall e Aguiar & Bordini; uma análise dos resultados e da proposta pedagógica aplicada ao conto; e, por fim, as considerações finais, que destacam a relevância do texto para a formação crítica e sensível de leitores e docentes.

2. DESENVOLVIMENTO

A reflexão teórica que orienta este trabalho parte da articulação entre estudos da literatura, identidade e pedagogia crítica. A literatura de autoria feminina do século XIX, especialmente em gêneros como o conto de fadas, representou uma importante via de resistência simbólica em um período marcado pela rigidez moral e pela limitação do papel social da mulher.

O conto concebido pela inglesa Mary De Morgan, no ano de 1877, “Uma princesa de brinquedo”, ou simplesmente Úrsula, conta a história de um reino em que esboçar sentimentos ou qualquer traço de personalidade que não seja frio, polido e indiferente é considerado altamente inadequado. O resultado? Uma sociedade rigidamente controlada e apática, na qual a rainha, natural de um reino estrangeiro e incapaz de se adaptar, morre desgostosa após o nascimento de sua filha única, Úrsula. A menina, por sua vez, espontânea e afetuosa, também não se enquadra nos padrões. Para protegê-la do mesmo fim de sua mãe, sua madrinha, a fada Tambureta, a entrega a uma família humilde, substituindo-a por uma princesa de brinquedo, uma princesa artificial, hoje facilmente vista como uma princesa robô, que é quieta, inexpressiva, passiva e submissa.

No conto de De Morgan, enquanto a verdadeira Úrsula cresce livre e alegre entre pessoas simples, a princesa de brinquedo é altamente celebrada na corte por sua perfeição silenciosa e subordinada. Tudo corre bem por muito tempo, até, anos depois, toda a farsa acabar sendo revelada. Surpreendentemente, no entanto, quando isso acontece, tanto a sociedade quanto o próprio rei, pai de Úrsula, preferem manter a falsa princesa, ao invés de reaver a verdadeira menina, mesmo que isso significasse coroar uma princesa de mentira. Com isso, temos, em

pleno século XIX, um conto de fadas infantil que é capaz problematizar o valor da autenticidade, da afetividade e da diversidade, antecipando reflexões que ainda hoje permanecem atuais, conforme, por exemplo, os estudos de Haraway, Baudrillard e Hall, que se direcionam ao estudo do gênero e da identidade na sociedade contemporânea.

A leitura do conto “Uma Princesa de Brinquedo” permite estabelecer um diálogo produtivo com as concepções de Baudrillard (1991), Haraway (2009) e Hall (2006). Baudrillard, em “Simulacros e Simulação”, descreve o processo pelo qual o artifício e a imagem passam a substituir a experiência real, instaurando o domínio da hiper-realidade. Na narrativa de De Morgan, a substituição da princesa humana por uma boneca mecânica representa, simbolicamente, a passagem da vida à simulação, da autenticidade à aparência.

Baudrillard (1991) acrescenta pontos importantes a essa reflexão:

Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. E agora o mapa que precede o território — precessão dos simulacros — é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do Império, mas o nosso. O deserto do próprio real.” (Baudrillard, 1991, p. 8)

Dessa forma, a simulação não diz respeito apenas à imitação de características humanas, mas, no contexto tecnológico contemporâneo, à criação de modelos pós-humanos, sustentados pela promessa de perfeição e eficiência das inteligências digitais. Essa lógica desloca o humano do centro da experiência e o insere num regime de imagens e algoritmos que não mais representam o real, mas o produzem. Para Baudrillard, tal processo é ainda mais inquietante, pois o sujeito moderno encontra-se perdido no “deserto do próprio real” — uma paisagem simbólica em que a vida se apoia no que é intangível, naquilo que existe apenas como simulação, reflexo ou código.

O autor acrescenta ainda a diferenciação entre “dissimular” e “simular”: “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência.” (Baudrillard, 1991, p. 9). Essas duas operações simbólicas podem ser facilmente observadas na sociedade contemporânea. A dissimulação manifesta-se quando o sujeito procura ocultar aspectos da própria existência, apagando imperfeições, vulnerabilidades ou mesmo fragmentos de sua história pessoal. Já a simulação revela-se como prática cotidiana nas redes sociais, onde se constrói a aparência de possuir aquilo que não se tem — beleza, estabilidade emocional, poder aquisitivo, reconhecimento ou pertencimento. Ambas configuram estratégias de sobrevivência simbólica num mundo em que a visibilidade se confunde com a verdade, e o “ser” se dissolve na lógica do “parecer”.

Haraway (2009), em seu “Manifesto Ciborgue”, propõe a ideia de identidades híbridas e pós-humanas, nas quais as fronteiras entre o natural e o artificial, o corpo e a máquina, tornam-se ambíguas. Isso ocorre, pois, segundo a autora, somos todos, de certa forma, “ciborgues” porque nossa vida é mediada por tecnologias. Essa noção se reflete na metáfora da princesa de brinquedo, cuja existência se confunde com a de um artefato programado para obedecer. A autora sugere que, assim como o ciborgue, as mulheres podem ressignificar as categorias impostas, produzindo subjetividades insurgentes e não normativas. Dessa forma, a autora estabelece que tecnologias podem ser usadas para romper hierarquias e desigualdades, não apenas reforçá-las, o que força um caminho de reflexão interessante em caráter de pós-leitura do conto e conexão com a atualidade que está posta.

Hall (2006) compreende a identidade como um processo inacabado, constantemente atravessado por construções simbólicas, históricas e discursivas. O que entra em crise, segundo o autor, não é o sujeito em si, mas a própria noção de uma identidade fixa, estável e essencial. As identidades, portanto, são posicionamentos provisórios, sempre em movimento e abertos à transformação. Nesse sentido, o tensionamento entre ser e parecer pode ser entendido como parte do processo de vir-a-ser: um movimento contínuo de negociação entre o eu e o outro. Tal dinâmica, quando vivida de forma autêntica e individual, pode favorecer a expansão do sujeito; contudo, quando imposta socialmente, tende a produzir alienação e perda de si, transformando o “tornar-se” em uma exigência de adaptação e não em uma experiência de liberdade.

No conto de De Morgan, a personagem Úrsula representa o sujeito que resiste à homogeneização, desafiando o padrão de comportamento imposto. Sua exclusão do espaço da corte revela a lógica excludente da sociedade que valoriza o artifício em detrimento da singularidade humana.

No campo metodológico, a proposta pedagógica baseia-se no método recepcional de Aguiar e Bordini (1993), que concebe a leitura como processo interativo entre texto e leitor. O método estrutura-se em etapas que envolvem a delimitação, o atendimento, a ruptura e a ampliação do horizonte de expectativas dos alunos. Tal abordagem possibilita que os estudantes partam de seus repertórios culturais para, gradualmente, confrontá-los com novas perspectivas críticas.

3. RESULTADOS

A aplicação do método recepcional ao conto “Uma Princesa de Brinquedo” foi pensada para turmas do sexto ano do Ensino Fundamental, conforme as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que propõe o trabalho com diferentes tipos de narrativas, entre elas os contos de encantamento e os contos de fadas. A proposta didática desenvolvida articula as áreas de Linguagens (Língua Portuguesa, Inglês e Artes), favorecendo um diálogo interdisciplinar.

As primeiras etapas, de delimitação e atendimento ao horizonte de expectativas, propõem que os alunos reflitam sobre padrões de identidade e comportamento social a partir de produtos midiáticos próximos de seu cotidiano, como as músicas “Prom Queen”, da banda Beach Bunny, e “Pretty Isn’t Pretty”, de Olivia Rodrigo. Ambas discutem a busca pela aceitação e a pressão estética, temas que dialogam com a ideia de artificialidade e simulação social abordadas no conto. Organizados em estações de trabalhos, os estudantes seriam organizados em estações de trabalho para assistir aos videocliques e participar das discussões. Algumas perguntas pensadas para a reflexão são: “Como os alunos se sentem em relação ao modo que os outros os enxergam?”; “A insatisfação é natural ou projetada por condições externas?”; “Quais poderiam ser tais condições? (mídia, redes sociais, publicidade)”;

“Esses contextos reforçam a singularidade ou produzem padronização?” e “O encaixe em padrões traria felicidade?”. Em seguida, na fase de ruptura do horizonte de expectativas, realiza-se a leitura integral do conto de De Morgan, com ênfase na substituição da princesa real por uma artificial e na crítica à padronização da identidade, sobretudo feminina. As discussões propostas nessa etapa estimulam a reflexão sobre questões como: “Como Úrsula se sente ao tentar corresponder às expectativas externas?” e “Por que a felicidade é associada à obediência e à aparência?”; “Qual a relação entre identidade e felicidade?”. Essa etapa visa a buscar uma reflexão crítica sobre os padrões internalizados e suas consequências subjetivas.

A etapa de ampliação do horizonte de expectativas busca conectar a ficção ao mundo real, questionando o controle social sobre corpos e emoções, e introduzindo o conceito de

distopia. O reino de Úrsula pode ser compreendido como uma sociedade distópica, que substitui a vida humana por simulacros perfeitos e reprime a autenticidade. A partir dessa reflexão, os alunos são convidados a criar pequenos projetos artísticos que imaginem mundos distópicos baseados em problemas atuais, como a padronização estética e a busca por objetivos irreais.

Nessa etapa, é importante discutir como Úrsula, ao tentar atender às expectativas da corte, não encontra felicidade, sendo rejeitada por expressar sua humanidade. Além disso, destacar que seu corpo e suas emoções foram constantemente “podados” porque não se encaixavam nos padrões de perfeição exigidos para uma princesa. É possível levar à reflexão de que muitas vezes, na nossa sociedade, o comportamento das mulheres também é regulado, vigiado e limitado.

A partir de então, seria interessante questionar os alunos a respeito do conceito de distopia, e introduzi-lo através da discussão. De acordo com Nunes, a distopia pode ser interpretada como “sinônimo de ‘anti-utopia’ e aplicado a uma obra que põe em causa ou satiriza alguma utopia ou que desmitifica tentativas de apropriação totalitária de um cenário utópico.” Para a autora, a tradição distópica:

sublinha não só a insuficiência dessas condições para a realização de ideais de felicidade, mas também a ameaça do coletivismo sobre as liberdades individuais, sociais e de participação política. Ao exercerem a sua crítica, os distopistas situam-se, pois, numa base agostiniana e adoptam um ponto de vista realista perante a persistência do mal e de usuais carências ou insuficiências que comprometem a realização humana. (Nunes, 2009, s.p)

Assim, Nunes entende a distopia como uma forma de crítica às promessas utópicas, revelando os riscos que projetos de perfeição social podem representar para a liberdade e a individualidade. Ao reconhecer a persistência do mal e das imperfeições humanas, a autora mostra que a distopia funciona como um alerta contra os excessos de controle e contra a crença ingênua em sociedades plenamente harmoniosas. O reino de Úrsula pode ser lido como uma distopia, porque reprime emoções, padroniza comportamentos e substitui a vida humana por um simulacro “perfeito”. Algumas perguntas para reflexão são: “As distopias refletem problemas que existem ou não em nossa sociedade?” e “Se vocês fossem escrever uma distopia hoje, que aspectos da vida contemporânea trariam?”.

A proposta é destacar essa proximidade para introduzir aos alunos o conceito de distopia e discutir de que modo esse gênero literário reflete problemas já presentes em nosso entorno. Assim, o reino da princesa Úrsula pode ser interpretado como uma representação distópica, por evidenciar tensões e contradições que também atravessam o nosso mundo. A atividade final convida os alunos a refletirem criticamente sobre o quanto as distopias se aproximam da realidade contemporânea. Aquilo que nos causa espanto em uma narrativa ficcional muitas vezes não provoca a mesma reação quando ocorre diante de nós. A proposta é que os estudantes elaborem um pequeno projeto artístico, simples, mas conceitualmente instigante, partindo dessa premissa. Por exemplo: a turma pode criar uma narrativa como “Era uma vez um mundo distópico onde as pessoas não podiam expressar sentimentos”, acompanhada de um desenho do reino de Úrsula e de uma notícia real que mostre um episódio de hostilidade contra pessoas que expressaram emoções. Dessa forma, o exercício articula imaginação e crítica social, aproximando o universo ficcional das vivências concretas dos alunos.

Por fim, a proposta abre possibilidades para a leitura comparada de outras distopias clássicas e contemporâneas, como *Admirável Mundo Novo* (Huxley, 1932) e *O Conto da Aia* (Atwood, 1985), bem como para o diálogo com produtos midiáticos que exploram as fronteiras entre o humano e o artificial. Essa abordagem reforça o papel da literatura como instrumento de

reflexão ética, estética e social, contribuindo para a formação de leitores críticos e conscientes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto “Uma Princesa de Brinquedo” e a elaboração da proposta didática fundamentada no método recepcional evidenciam a força da literatura de autoria feminina como ferramenta de questionamento e de formação crítica. Mary De Morgan, ao construir uma narrativa na qual a autenticidade é substituída pela simulação, antecipa debates contemporâneos sobre identidade, comportamento e artificialidade, oferecendo um terreno fértil para discussões que atravessam séculos.

A experiência didática demonstrou que o diálogo entre o texto literário e o repertório cultural dos alunos favorece uma leitura mais engajada e significativa. Ao trabalhar temas como gênero, padronização e ciborguização do sujeito, os estudantes são levados a refletir sobre o próprio lugar na sociedade e sobre o papel da tecnologia na constituição das subjetividades.

Ademais, a sequência proposta possibilita introduzir diversas outras do gênero distópico aos alunos, assim como viabilizar a discussão acerca de como representações ficcionais do futuro evidenciam problemáticas estruturais já presentes no cotidiano. Nesse sentido, a proposta pode desdobrar-se em diferentes modalidades: leitura de excertos de outras distopias clássicas, análise de produtos midiáticos amplamente difundidos entre jovens ou elaboração de narrativas autorais que projetem cenários críticos. A pertinência desse encaminhamento reside em favorecer a ampliação do horizonte de expectativas dos estudantes, estimulando práticas de letramento literário que integram reflexão estética, debate identitário e consciência social.

Conclui-se que o ensino de literatura, quando aliado a perspectivas teóricas críticas e metodologias participativas, pode promover a autonomia intelectual e a empatia, aproximando o universo ficcional das experiências humanas concretas. O conto de Mary De Morgan, lido hoje, torna-se um espelho e um alerta: em um mundo que valoriza o artifício, a educação precisa reafirmar o valor do humano, da sensibilidade e da diferença.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

EDTL-FCSH. **Distopia**. [online]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Universidade Nova de Lisboa, (ano, se houver). Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/distopia>. Acesso em: 05 nov. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33–118.

VENTURA, Susana. Sete contos que nunca me contaram: contos de fadas pensados, ouvidos, escritos e recontados por mulheres. São Paulo: Biruta, 2022.